

# ***O TESOURO DOS REMÉDIOS DA ALMA***

Livro 121

*Escritos Fenícios*

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial  
*Gilberto Strunck*

Capa  
*Dia Comunicação*

Produção gráfica  
*Dia Comunicação*



## ***O VALOR DA CIÊNCIA NA PESQUISA DO PASSADO FENÍCIO***

O valor dos cientistas em vários países do Oriente Médio e Europa, debruçados na busca por suas origens dedicaram-se a estudar a cultura Fenícia. Foi surpreendente o esforço e a colaboração para criar-se tanto conhecimento com tanta destruição feita pelo Império Romano culminando na extinção de Cartago. Eles criaram várias técnicas para descobrir como viviam os Cananeus, como era sua cultura, usando a leitura retrospectiva tendo em seu interior estruturas lidas e investidas de significados submetidos a contínuas modificações durante o transcurso da história. Pensar em vincular costumes e culturas em épocas tão distantes quase determina uma inevitável narrativa nem sempre fiel, porém motivadora de evocar no presente os valores que estas evocações são capazes de restaurar.

## ***UMA REVELAÇÃO SOBRE A DATA DO INÍCIO DA CULTURA FENICIA***

Tenho me surpreendido ao contar a história que aprendi com investigadores espanhóis uma data que não coincide com o conhecimento mais frequentemente citado por libaneses e descendentes em suas conferências e aulas. A cronologia e as inferências atualmente apresentadas, se iniciam no século IX a.C. até mediados do século III a.C., esse hiato do tempo fez uma incógnita para os estudos da época fenício-púnica. A escassez de dados acompanha uma exaustiva investigação existente sobre materiais que testemunharam a cultura fenícia. Classificada desde o período da presença cartaginesa iniciada com a conquista de Barcas, em três períodos: o Período Fenício Inicial do século IX a.C. e começos ou mediados do VIII a.C. o Período Colonial situado entre mediados do VIII e fins do VII a.C e o Período Urbano, começos do VI até o último terço do III a.C.

## ***MICRO HISTÓRIA***

Entre o mais comum que refere a cultura fenícia no sec. III a.C., essas referências a diferença são de XVI séculos, enorme hiato hoje preenchido com estudos científicos evoluindo permanentemente. Atualmente estudos baseados na Antropologia, na Etnografia, na etnoarqueologia, nas rotas marítimas e na cultura marítima (sedimentologia, petrologia e fauna marítima), como esses nos permitem entrar na micro história. O estudo dos mares permitirá muitas descobertas importantes para elucidar tantas conquistas feitas em épocas tão remotas com resultados tão extraordinários em termos de evolução cultural e comercial. A grande surpresa será conhecer o modo de construção desta evolução pois seus resultados estão sendo descritos em bibliografia e pelas pesquisas feitas em termos de moradia, comércio, construção de relações não belicosas entre povos, beneficiamento da expansão do alimento, dos bens de serviço e da ampliação facilitada pelo transporte, modo de comerciar, no uso da inteligência de cada grupo humano e do alfabeto permitindo a ampliação das relações entre os povos.

## ***O RELATO DA FUNDAÇÃO MÍTICA DE GADIR***

Uma tradição antiga sobre os pormenores da fundação de Gadir sugere com força que esta presença fenícia em Huelva não está em modo algum desvinculada das primeiras empresas coloniais de Tiro no longínquo Ocidente, pelo que parece oportuno recordar agora a notícia recolhida por Estrabon sobre a fundação de Gadir:

“Sobre a fundação de Gadir eis aqui o que dizem lembrar seus habitantes: que um certo oráculo mandou fundar aos tirios um estabelecimento nas Colunas de Hércules; Os enviados para fazer a exploração chegaram até o estreito que há junto a Kalpe (Gibraltar) e acreditaram que os promontórios que formam o estreito eram os confins da terra habitada e o termino das empresas de Hércules; supondo então que ali estavam as Colunas, ali onde hoje se levanta a cidade dos exitanos (=Sexi, Almuñécar?). Mais como nesse ponto da costa oferecessem um sacrifício aos deuses e as vítimas não foram propícias, então se voltam. Tempos depois, os enviados atravessaram o estreito, chegando até uma ilha consagrada a Hércules, situada junto a Onoba, cidade de Iberia, e a uns mil

quinhentos estádios fora do estreito; como acreditaram que estavam ali as Colunas, sacrificaram de novo aos deuses; mas outra vez foram adversas as vítimas e regressaram à pátria. Na terceira expedição fundaram Gadir e alçaram o santuário na parte oriental da ilha, e a cidade na ocidental.

Recentes achados de cerâmicas cipriotas, sardos ou itálicas no empório pré-colonial de Huelva, sugerem que já nos finais do século X a.C., se não antes, estas navegações e, sobretudo, seus circuitos marítimos estavam sendo controlados por fenícios de Tiro.



### ***PACTO QUE FALA NO ANTIGO TESTAMENTO***

Flavio Josefo se refere a amizade e o pacto entre Hiram e Salomão. Um pacto de virtude da qual Hiram havia proporcionado a Salomão boa parte, senão toda, sua capacidade náutica, como se lê no arquiconhecida passagem do primeiro livro dos Reis:

“Nada havia de prata, não se fazia caso algum desta em



tempos de Salomão, porque o rei tinha no mar naves de Tarsis com as de Hiram, e cada três anos chegavam as naves de Tarsis trazendo ouro, prata e marfim, monos e pavões reais”.

Agora, “naves de Tarsis” não era outra coisa que o tipo de barco que os fenícios utilizavam para ir a Tarsis navegando pelo mediterrâneo.



## ***O EMPENHO DE HERACLES***

A partir da desapareição de Ugarit, no Heládico Final III C. (c.1225-1125) materiais seguem chegando ao longínquo Ocidente, o que indiretamente apoiaria a hipótesis de umas precedentes navegações cipriotas e ugaríticas até a Península Ibérica, substituídas de Paleapaphos-Skales em Chipre documentaram um impressionante número de importações fenícias durante o século XI a.C. Posto que as importações cipriotas na costa fenicia são ainda escassas durante estas datas até que se façam mais abundantes a começos

do século X a.C., a iniciativa destes contatos intensos parece corresponder aos fenícios. Como muito bem captou López Pardo “O empenho de alguns por situar no século IX a.C., a colonização fenícia de Chipre, se nos atrai, pois, pouco convincente. A história de Kition remonta a começos do século XII e não ao X a.C. como se vinha sustentando, e a vemos constituída em uma cidade plenamente fenícia desde começos do primeiro milênio ao menos. Parece incongruente que se feche a meados do século IX a.C. a fundação da colônia tiria de Kition e que, por outro lado, sem dúvida, se assinale que o rei Hiram de Tiro (meados do século X a.C.) tenha que sufocar um levantamento dos Kiti (uns) cem anos antes”

Fonte: O empenho de Heracles, A exploração do Atlântico na Antiguidade, F.Lopez Pardo, Madri, 2000.

## ***FENICIA ENTRE GREGOS E BÁRBAROS***

Menandro de Efeso, parece haver sido um escritor que traduziu os arquivos tirios do fenício ao grego e ao respeito de Itobaal, que reinou em Tiro em tempo de Acab, se menciona a fundação pelo soberano fenício de duas colônias, uma na África Auza, que permanece desconhecida, outra em Fenicia Botris, que foi identificada com a moderna Batrum, 15 km. ao norte de Biblos o que se interpreta como um sinal de hostilidade, intrusão e arrogância em relação a esta última. A ausência de uma menção à fundação de Gadir, acontecimento que na Antiguidade se considerou digno de guardar-se na memória.

Hiram não parece ser o artífice de uma incipiente expansão pelo território circundante, Líbano e Chipre, senão o herdeiro de sua presença colonial firme em Chipre e uma rede comercial já consolidada no Ocidente. Em outras palavras, o auge de Tiro não é obra exclusiva de Hiram, senão de sua política de expansão territorial pelos territórios limítrofes começaram desde meados do século anterior ainda meia década antes, segundo a tradição literária, os tirios realizaram a fundação de Gadir, Lixus e Utica.

## ***COMO VENTO NA CARA E A CONTRACORRENTE***

A pentecontoros (tipos de barcos) a priori não contava com dificuldades ensaliváveis pelo retorno de Kérné/Mogador, ainda se com os apuros e perigos associados a permanência de ventos contrários e à corrente desfavorável. Frente a estas condições meteonáuticas, maiores dificuldades deviam afrontar as naves de carga de tipo gaulós e em menor medida os mais versáteis, pequenos e ligeiros hippoi. Cabe por isso a possibilidade de que o “gaulós de Kerné e os hippoi aprestarão a vela de forma que puderam aproveitar as brisas da terra e os alísios em uma navegação bordadas que os obrigava a adentrar-se em alto mar. Seguramente recolhiam a vela quadra em forma triangular, uma técnica que conhecida al menos desde o séc. IV a.C., e assim poder aproveitar ventos menos favoráveis a popa. Em relação com isso havia que ter em conta a possibilidade de uma volta pelo longo, dirigindo-se em direção ao oeste, em alto mar, para colher o vento a “meio quartelar”. Isto explicaria o descobrimento acidental de uma ilha no Atlântico, seguramente Madeira ou um dos Açores em uma data compreendida entre a batalha de Alalia (ca.540 a.C) e a batalha de Cumas em 474 a.C., ou o achado de um pequeno tesouro cartaginês de fins do sec. III a.C, na ilha de Corvo, perfeitamente coerente

pela presença de moedas de Cartago e de Cirenaica, de composição muito similar ao achado em um pescado do porto de Melilla, o qual permite despejar muitas dúvidas sobre a autenticidade do achado atlântico.

Não parece que os problemas de retorno houvessem obrigado as naves com mais dificuldades ou devido a permanência dos alísios a adentrar-se no Oceano para realizar grandes bordadas e alcançar assim as proximidades do Estreito. Isto haveria possibilitado o descobrimento de algumas ilhas como Madeira e/ou Açores, com apontariam algumas referências literárias e o achado de moedas do sec. III a.C. em Corvo.



## ***MODOS DE VIDA***

O modo de organização da vida foi estudado pela protoengenharia e protoraquitectura. As vivendas presentes nos enclaves coloniais da Sicília estão sendo analisadas e sintetizadas. Destacando que a base documental de toda cultura Fenícia segue sendo reduzida devido a múltiplos fatores, o que impede uma reconstrução integral dos modos de vida. A

organização político-territorial hierarquizada na região de Sulcis, manifesta que as casas ali investigadas tipos de assentamento segundo sua categoria. Núcleos de primeira ordem como podem ser cidades, normalmente representadas pelas colônias fenícias, assentamentos de segunda ordem como centros urbanos de menores dimensões ou núcleos fortificados para finalizar com enclaves de menor envergadura como aldeias, fortins, armazéns fluviais, bairros comerciais ou granjas seguindo um planejamento que foi proposto para outros lugares segundo a situação colonial ou entidades políticas.



## ***ESPAÇOS FENICIOS***

Alguns espaços nos oferecem espaços onde se podem detectar tarefas relacionadas com a elaboração de produtos à base de pescados, a produção metalúrgica ou um espaço interpretado como cozinha. Os testemunhos referíveis são muito escassos e fragmentários.

## *AS CASAS FENÍCIAS*

Uma estrutura que permite recriar a composição interna de uma moradia está em Sulky, um pátio central aberto ao ar livre rodeado de quartos, um modelo que teve origem na zona do levante sírio-palestino. Nelas aparece a importância do eixo central da casa que além de ser um foco importante de iluminação e ventilação já que estas casas careciam de aberturas ao exterior, ali também era um lugar onde se realizavam todos os tipos de atividades domésticas, convertendo-se em um importante espaço de socialização para seus habitantes. Neles se situavam poços e cisternas que garantissem as reservas hídricas para os residentes e que em alguns casos costumavam estar acompanhados de silos para o armazenamento de grão. No século VI em Mozia uma casa tinha banho, revestimento hidráulico onde se alojou uma banheira. No bairro aristocrático das acrópoles do Mediterrâneo Central, a “casa do sacerdote doméstico” elementos arquitetônicos, pinturas, pátio com enlouçados e porteados, capela votiva, sala de banho, andar superior.

## ***OS PÁTIOS FENÍCIOS***

O pátio tinha uma importante função de criar espaços privados funcionando como um divisor entre a vida privada e pública, entre os próprios habitantes da casa e os visitantes provenientes do exterior que podem ser recebidos no pátio sem que tenham acesso a outras partes da moradia. Maiores problemas encontra a arqueologia a hora de detectar aqueles membros da sociedade que menos evidências deixaram como crianças, anciãos, serventes e escravos, dificuldades por outro lado não serão desculpas para ignorar sua existência e abandonar a árdua tarefa da sua identificação.



## ***CULTURA FENICIO PUNICA***

Com a arqueologia fazemos História e historiografia. A instalação da cultura fenício punica recentemente vem sendo estudada e valorizada buscando compreender os mecanismos e repercussões que tiveram os colonizadores-comerciantes fenícios ocidentais ao produzir os contatos com a população que habitava o atual território português da metade do I sec. a.C.



## ***CULTURA IMÓVEL***

A cultura imóvel necessita como complemento natural a cultura móvel com quem dialoga em silêncio. Faltam-me testemunhos, documentação, corro o risco de saltar no vazio recorro à memória, às palavras e aos atos que presentificam evidências históricas, vivências nem sempre valorizadas como a presença viva do passado no presente.



## ***ÂNIMOS***

Os ânimos oriundos dos encontros libaneses habituam. Dando elementos inspiradores, convocam a exuberante dureza do cedro e a suavidade poderosa de um conto infantil.

## ***SOBREVIVENTES***

Resgatados como pedaços sobreviventes da infância naufragada, estamos quase todos refugiados nas pessoas que não somos.



## ***IMPLORANDO***

Implorando aos céus que lhe desse descendência, fez de domínio público seus gozos silvestres, desarmando desejos, cultivando companhias. Deslizando por sendas conhecidas, brincava ligeiro em cada pedaço conquistado, fazendo-se ocasional proprietário. Havendo tido tudo em suas mãos, agora esgotado e satisfeito cedeu lugar ao silêncio e ao descanso dos conventos.

***O TESOURO DOS REMÉDIOS DA ALMA***

Era a denominação usada para as bibliotecas no Egito antigo.

Roberto Curi Hallal

